

# O MODERADO.

PERIODICO POLITICO E LITTERARIO.

EDITOR E ADMINISTRADOR ALBINO P. DE SZ.ª PEDERNEIRA.

Assignatura por anno 2,000 — Semestre 1,100 — Trimes re 600 — Mez 240 — Folha avulsa 30 — Anuncios por linha 25 — Repettidos 20 — Corresponden-  
cia 30 reis. — Assigna-se este periodico no escriptorio da redacção, rua Nova de Sousa n.º 25 o qual estara aberto todos os dias, para receber os anuncios e corres-  
pondencias. As de fóra devem ser dirigidas ao Adminis rador, e editor responsavel francas de porte — Assigna-se tambem no Porto, na redacção d.  
Porto e Carta. — Vende-se no escriptorio da redacção. — Sahirá ás Quartas feiras e Sabbados, não sendo dias sanctos de guarda.

Os snrs. assignantes do *Moderado*, a quem repetidas vezes tem sido pedidas as importancias de suas assignaturas, far-nos-hão especial favor se até ao dia 15 do proximo Março mandarem entregal-as no escriptorio d'esta redacção, e por essa occasião avisar-nos se querem ou não continuar a receber a nossa folha.

## BRAGA 1 DE MARÇO.

A CAMARA municipal do Porto representou ás cortes sobre a necessidade que ha de se tomarem providencias, que obstem aos resultados funestos que começa a ter a falta de moedas pequenas nos nossos mercados.

A ultima lei da moeda, que desde logo veio cheia de defeitos, descobrindo-se n'ella o systema expoliador da regeneração, não teria ainda assim causado tantos e tão grandes prejuizos, se desde logo fóra posta em execução. Mas é cestro dos nossos ministros, que as leis são raramente pottas em completo vigor, umas vezes por desleixo, e outras por contemplações mais culposas ainda do que esse proprio desleixo.

## FOLHETIM.

### UMA NOITE DE FEVEREIRO.

Como é triste e melancolica uma noite invernosa de fevereiro, em que massas de densas e alvacentas nuvens, ora embargam o brilho da risonha e prateada Lua, ora o scintillar de infinitas estrellas, que estão marchando o firmamento?!!

Que saudades da primavera nos recorda uma tal noite, em que o sybillar do vento no interrompe o pacifico e sosegado somno, e o

Assim a lei da moeda não se executou desde o seu principio: e o resultado foi que, não se tendo cunhado as pequenas moedas d'ouro, nem tão pouco as de prata, a tempo de pôr fóra da circulação a antiga moeda, os agiotas principiarão a enviar para o estrangeiro os nossos velhos pintos, e o mercado começou a deliciar-se nas suas operações pecuniarias.

No Porto já mais d'um conflicto se tem dado por cauza da falta de trocos miudos, e não só no Porto, que tambem na capital, em Braga e em todo o paiz, se ouvem os clamores do povo, que ou deixa de vender ou de comprar muitas vezes, porque os soberanos impedem essas pequenas transacções tao precisas ao povo e ao pequeno commercio.

Vai-se por tanto realisando, o que a este mesmo respeito, se disse já neste jornal. E assim havia de ser, por que sabido é que a regeneração só nos prepara calamidades.

Mas deixando agora d'olhar a questão pelo lado das desordens a que vae dando lugar; mesmo pelo dos prejuizos que vae causando ao commercio em geral, vamos vel a por aquelle em que é bem patente o tremendo golpe dado nas riquezas publicas do paiz pela agiotagem, a quem a falta da execução da nova lei dá tempo de sobra para a sua torpe traficancia.

Falle aqui o *Porto e Carta* que a tal respeito diz o seguinte:

« Tem-se até hoje exportado para Inglaterra, 1.224,000,000 em prata. Esta somma, reduzida a a cruzados novos, dá em resultado a bagatella de 2,550,000 cruzados novos.

« Cada cruzado novo tem em valor real 16 por cento mais, que cada meia coroa, o que em 2,550,000 cruzados novos dá em resultado a somma de 194,800,000 rs. — que ficariam no paiz, se aquella somma de prata fosse reduzida

graniso, retenindo nas telhas, chega a agoutar e até a lançar por terra as aromaticas e lindas florinhas, que já vão principiando a annunciar a chegada da romantica e poetica primavera, quadra de todas a mais snas e aprazivel, para a contemplação das maravilhas da natureza!!!

Mas ao mesmo tempo que idôas alegres e prazenteiras nos traz ao coração uma noite desta fria quadra, recordando-nos, que lha hã de succeder a delectosa e encantadora primavera, em que o mavioso e affável rouxinol trina nos floridos bosques suas harmonicas e melodias canções, que fazem extasiar o coração ainda o mais insensivel... — em que os prados alcatifados de florinha, exalam os mais

á nova moeda, mas que passou com ella para as mãos dos estrangeiros.

« Agora reduza v.ª ex.ª (falla com o snr. Fontes) aquelles 1224 contos a soberanos, que é a moeda que os tem vindo substituir. — Dá em resultado a somma de 272,000 soberanos. Cada soberano é trocado por cada cruzado novo pelo valor nominal de 4,500; mas no mercado tem tido um desconto, para calcular sobre o qual tomaremos por termo medio a quantia de 60 rs.

« Parece-nos que não puxamos muito pelas orelhas ao calculo.

« Abatidos pois estes 60 rs. nos 272,000 soberanos, dá em resultado a somma de — 16,200,000, que nada menos é a perda que n'esta quantia de libras tem desfalcado o paiz.

« Sommadadas estas duas parcelas dão em resultado a somma de 210,800,000 que é quanto tem até hoje custado ao paiz a brincadeira caprichosa dos grandes bofes (1) do sr. Fontes.»

Eis aqui os beneficios que o paiz tem já lucrado com a nova lei de moeda, um dos grandes feitos da regeneração, que tem a mania de mecher em tudo deixando tudo peor e muito peor do que estava.

E como o praso para a circulação da velha moeda foi espaçado, como a exportação dos pintos se não pôem diques, — a crise monetaria ha-de continuar — o não nos admirará se ella nos levar á mais completa anarchia, fazendo de cada mercado um arrabal de desordem.

C.N.

DE COMO FREI LUIZ PAPADA DEIKOU UM DIGNISSIMO SUCCESSOR DE SEUS PLANOS.

No dia 20 do corrente fallou na camara heriditaria o snr. conde da Taipa acerca da resposta ao discurso

(1) Um defensor do actual ministerio disse em pleno parlamento, que a regeneração tinha bofes: o *Porto e Carta* reflecte-se portanto aos portentosos bofes do nosso joven ministro fomentador.

odoriferos perfumes — em que as arvores se revestem de mimosas e verdes folhas — em que as flores estão aparando em seus doirados calices as gottas d'aljofar, que a rainha da noite, sorrindo-se, lhes está lançando — em que a trabalhadora abelha se introduz no petalo da alabastrina e candida açucena, succando-lhe o o mellifluo — nectar e em que o pipilar de ceutos de passarinhos como que forma a mais sonora orchestra, causa admiravel para quem se entregar ao exame de semelhante quadro!!!

E' tão bello e magico, gorgear d'aquellas innocentinhas e singelas canções, d'aquelles suspiros furtivos por entre os ramos das arvores verdejantes, d'um sorrir, que parece aseoma

do throno, e por essa occasião narrou uma historia que achamos digna de mencionar-se.

Existiu n'este mundo um homem a que chamaram frei *Luis Papada*, que o snr. conde da Taipa assevera ter conhecido, e que nascera com a bosa de viver á custa alheia. Pelos modos parece que advinhara o codigo por que depois aprenderam a governar-se os nossos regeneradores, e que empregou toda a sua vida em pôr em obras as maximas que lhe escaldavam o cerebro, e fizeram d'aquelle homem um monumento onde poderiam aprender muitos dos nossos estadistas actuaes.

*Frei Luiz* que gostava de dispendir largo tal qual como fazem os nossos ministros, abalroava os seus amigos, e suas conversas tinham por objecto final e unico o pedir emprestimos que nunca pagava.

Este meio de dirigir as finanças pôde sustentar-se durante certo tempo, mas passado elle os amigos fogem, cerram as bolças, o communista cahe em descredito, e fica reduzido á sua primitiva miseria.

Mas *Frei Papada* não era homem que recuasse diante d'este pequeno inconveniente, resultado de suas operações financeiras. A um sabio nunca faltam expedientes que lhe valham nos apertos, e o nosso homem merecia tanto o nome de sabio e intelligente como muitos que por ali estão a governar.

*Frei Luiz Papada* aforou um pedaço de terra e espalhou o rumor de que ia dentro em breve edificar uma casa. Para fazer acreditar melhora noticia começou os trabalhos, e, á vista d'uma empresa tão louvavel e lucrativa foi novamente bater ás portas dos vizinhos pedindo que o ajudassem. Pregos, cal, telha, madeira, pedra, tudo pedia, tudo lhe servia, com tanto que fosse de emprestimo.

Correndo de porta em porta, despresando dictérios, fazendo viagens para obter ao longe o que se lhe negava ao perto, o caso é que *Frei Luiz* ia obtendo os materiaes para a sua casa, e esta, como é bem facil de suppor, nunca passou dos primeiros alicerces, por que *Frei Luiz* vendia tudo quanto lhe chegava ás mãos, dizendo sempre que a casa se havia de acabar brevemente.

*Frei Luiz Papada* é um typograndioso, que a boa memoria do snr. conde da Taipa amostra ao publico, e pelo qual se tiram as feições do snr. *Fontes*.

E' inutil fazer o paralelo entre

aos labios ternos, e doces das avesinhas tão carinhosas! A sua lingoagem é a do amor... a da ternura. O meu coração dilata-se e expande-se ao ouvir suas meigas e carinhosas vozes, que penetram no amago do peito!...

Bem-dicto quem as creou. Que seria desta imaginação ardente e fugosa, se não houvesse bellezas, encantos, e mysterios na natureza, que refrigerassem seu voraz calor?...

Se não houvesse os prados repletos de flores, os bosques de sombras, e frescura, e a noite de silencio?... A noite!... Oh! que, se o mundo a comprehendesse!! Se nella visse a imagem da eternidade! Se meditasse sobre essa continua taciturnidade, que cobro

*Frei Luiz Papada* e o snr. *Fontes*: — a similhaça, ou antes a identidade das feições do caracter, e da raça não pôde ser maior.

O snr. *Fontes*, como *Frei Luiz*, recorreu a diversos emprestimos, porque a regeneração sem grosso dispendio de dinheiro é um completo impossivel; mas quando viu que as suas gintas financeiras eram conhecidas, e não havia capitalista que lhe confiasse uma pobre moeda de cinco reis, então o snr. *Fontes* exclamou com pequena differença como exclamava o seu amigo *Frei Luiz* de que ia construir um caminho de ferro.

Roubavam-se os juristas? era para favorecer o famoso plano do caminho de ferro.

Augmentava-se o deficit? era para levar ao cabo aquella empresa utilissima.

Capitalisavam-se os fundos de amortisação da divida estrangeira? Era para comprar os carros que haviam de trabalhar dentro de poucos mezes no ferro-carril.

Destrahia-se o fundo proveniente do imposto que se devia applicar nas estradas do Douro? Era para fazer a feria aos engenheiros.

Ja-se a Londres, ouviam-se arrogancias do commercio inglez, e pedia-se-lhe, de corda ao pescoço algumas centenas de contos de reis? Era para fazer progredir o caminho de ferro de leste, que nos ha-de pôr em communicação com toda a Europa.

E em que termos se acha essa obra?

Ainda ha poucos dias um jornal asseverou que d'aqui a um seculo o caminho de ferro ha-de estar como hoje o vemos; e por esse motivo nossos netos o substituirão ás obras de St.<sup>a</sup> Engracia, que á vista das do ferro-carril passarão a ser uma expressão antiquada de construcções interminaveis.

E tem muita razão.

O caminho de ferro do snr. *Fontes* ha-de ser sempre a casa de *Frei Luiz Papada*.

DO NOSSO CORRESPONDENTE DO PORTO.

Porto 28.

O janota declarando na camara dos pares, que o governo não faz da lei dos cereaes uma questão ministerial, deu um quazi (se não foi formal) desmentido ao discurso da coroa! O

espírito d'horrores, e que parece trazer-lhe á lembrança o tudo dos sepulchros — a morte!.....

Se nesse zunido melancolico, quasi imperceptivel, descobrisse a voz alti-sonante, forte, e retumbante, que brada ao coração dos impios — eis aqui o resultado de suas cumeiricas illusões que vos fascinam, e vos cegam!...

Se nesse tumultuar de terrores aprendesse a despresar tudo, o que não fosse contemplação!... Mas que?... Para o mundo não tem bellezas, nem segredos a noite!... não tem formosura e maravilhas a solidão!... não tem beldades, e mysterios a eternidade!... Não... que a vida dos sentidos, é a vida do

Rodrigo disse (e foi talvez a primeira vez que fallou verdade) na camara dos deputados, que queria a pasta — que não estava resolvido a larga-la — e que havia de conserva-la em quanto pudesse. — Estes dous factos só por si parecem sobejos para definir a situação por um lado, e a administração pelo outro.

Os juristas portuguezes, e o Banco tambem com elles, querem se lhes façam extensivas as vantagens prometidas aos juristas inglezes — e os homens tem razão por que todos são filhos de Adão, e tanto o favor como a justiça devem ser iguaes para todos.

O Avila, o Passos Manuel, e alguns outros deputados intelligentes e conscienciosos tem, na commissão de fazenda, destiado os presuppuestos salutaris do janota, fazendo-lhes apparecer todas as mazellas, que o talentoso ministro entendeu não haviam olhos que fossem capazes de descobrir, e que parece são tão asquerosas e chaguentas, que fedem até não poder ser mais. E tudo isto junto deu logar a que a camara dos deputados, ainda sem a resolução precisa para fazer o que devia, se conservasse contudo tambem sem animo para sancionar o que não devia: o tio Rodrigo, porém, corrompeu, intrigou, dividiu, prostituiu, e a final de contas a reunião que ultimamente teve logar nos Caetanos parece que dera em resultado o que era de esperar da proverbial subserviencia de homens para quem a honra é fazenda de contrabando, e a vergonha perfeitamente avariada. Cabe aqui o dizer que é voz constante de que o chá que se toma, e os bolos que se comem nestas reuniões dos Caetanos, tudo é pago pelo governo — se assim é a velha Maria Xavier deu em droga, e deve levar baixa redonda de viuva de D. João Correa, em alta de prima — e muito prima — do conde da *passarola* e do deputado dos *charutos*.

Ouço que o José Lourenço já tem pedido medidas acerca das proximas eleições de deputados; e ouço tambem que o ministro do reino lhe tem respondido que durma tranquillo a esse respeito, porque as taes eleições estão ermeticamente fechadas nas mãos de s. ex.<sup>a</sup>: pôde ser que lhe fujam por entre os dedos.

O homem, que vendeu bulas e traficou com missas, e o conde do presente com privilegio de *encommenda*, e rendida d'uma *cousa feia*, (já se sabe cá para nós que não para elle) auxiliados pelas intriguinhas de um contador e phe-

monio: — e a vida sensitiva é inimiga da intellectual, da contemplativa!!!..

Desgraçados aquelles, que só vivem no recreio da materia... desgraçados aquelles, que ignoram a meditação... desgraçados aquelles, que, no meio do redemunhar de prazeres não reconhecem que calcam, que pisam as cinzas de seus avós, e que caem á borda do jazigos!!!..

A morte, por fim, lhes mostrará os encantos, as bellezas da contemplação nocturna, quando lhes disser impassiva — agora uma noite eterna!!!..

Braga 29 de Fevereiro de 1856.

Augusto Clemente de Souza Geão.

mero, que mente por officio, e pelas *nomices* da snr.<sup>a</sup> D. Frederica, continuam a perseguir de dôr de ilhargá esse celebre menino a que vulgarmente chamam o Caetaninho — e está-me parecendo que lhe estão dando uma importancia que elle talvez não mereça e menos deseje. Em todo o caso o certo é que as intrigas d'aquelles dous grandes figurachos fervem em cachão e já vão subindo a *notabilidades* muito elevadas e de muito valor politico. Atraz de tempo contudo tempo vem: e no meu entender quem souber esperar ha-de ter muito que ver.

Diz-se que a reforma dos uniformes militares não é senão uma armadilha mais para indispor o rei com o exercito: é possível porque os ministros são em verdade os que mais trabalham em estabelecer o descredito da coroa.

A historeta da embaixada do Brazil foi uma ratoeira armada de proposito e caso pensado ao cavalheirismo e boa fé do Passos Manuel — as bixas pegaram, mas o homem ainda soube arranca-las a tempo de lhe nao terem sugado todo o sangue; e o seu procedimento na commissão de fazenda e uma prova de que elle é um deputado honrado e incapaz de se vender ou de atraiçoar o seu partido. Perdeu portanto desta feita o Rapoza todo o seu trabalho; e o mais é que o perdeu dando ao publico um novo documento da sua pouca fé, das suas más manhas. A proposito: tenho algumas vezes lido o *Pharol*, e os seus artigos (ou isso que são) a respeito deste Passos deixam-me entender que o tal intrigante e mentiroso contador de Villa do Conde (que quer a todo o panno ser contador de Villa Verde) para onde devia ser despachado era para Rilhafolles, pois muitos lá estão com muito menos titulos.

D. Frederica lá vae andando com o seu despacho como o diabo o quer, e os diabinhos cá do mundo lh'o permitem — a este respeito contam-se por aqui muitas historias galantes; mas são horas de jantar e por isso liam para outra o caso. A *Joanna d'Arc* não tem agradado, porque não está nas forças da companhia. O Baldanza não vai bem no papel do rei, o a Truffi muito peor no de Joanna. O Marco Visconti é brilhante mas pouco melodiosa, e o peor é que as mais das vezes não se ouvem nem os choristas, nem os actores. A Santa Cecilia, que tem dado enchentes á companhia portugueza, não tem attilio nem vencelho.

Continua a crise monetaria por falta de prata, e no *Braz Tizana* já alguma couza appareceu escripta no sentido do que a tal respeito se tem lido no *Moderado*. O homem (o *Braz Tizana*) tem ultimamente chegado, e de veras, ao tio Rodrigo, ao qual, ha quem diga, elle chama a *indecencia politica* maior que até hoje se tem conhecido.

Adeus — seu do C.

\*\*\*

*Discurso do Sr. Corrêa Caldeira na discussão da Resposta ao Discurso do Throno.*  
(Continuado do n.º 144.)

Ha uma necessidade urgente de acudir a este estado. Este governo, que dura quasi ha

cinco annos, tem mais obrigação que qualquer outro de ter desveladamente procurado acabar esta negociação, porque assim o prometteu á Camara; porque lhe deu conhecimento d'isto e do resultado que esperava tirar das negociações; porque lhe disse que esperava que esse resultado fosse favoravel. Na sessão de 1854 disse — que esperava favoravel resultado d'esta negociação. — Em 1855 disse — que o governo esperava mesmo dar conta á camara do resultado das negociações durante a sessão desse anno. — A camara lembrar-se-ha que em igual occasião á presente, na sessão pas-sada, eu tive a honra de declarar, que não achava fundadas as esperanças dos srs. ministros; que tinha por muito duvidoso que os srs. ministros cumprissem n'aquella sessão de 1855 a promessa que tinham feito á Camara; e que as esperanças annunciadas não se verificariam. O resultado lhes provou que não me enganei.

Mas será isto só que resulta da comparação ou confrontação destes dois discursos da corôa? Eu entendo que resulta mais alguma coisa. Note-se bem: se os srs. ministros em 1854 esperavam favoravel resultado das negociações e assim o declararam á Camara se em 1855 esperavam que o resultado dessas negociações fosse submittido ao conhecimento da Camara ainda na sessão d'aquelle anno; e se em 1856 apenas dizem «As negociações continuam»; tenho fundada razão de concluir desta diversidade de linguagem, em primeiro logar que as negociações não têm tido resultado favoravel; em segundo, que nem se espera promptamente.

Aqui está a razão porque eu julguei que a Camara dos srs. deputados devia dizer ao governo — que vê com pezar que tenham sido assim protraidas as negociações; que vê com pezar que continuam afflictas as christandades do Oriente; que vê com pezar que as immundades d'aquellas igrejas são offendidas; que vê com pezar que n'aquellas provincias do ultramar faltam os ministros necessarios para o culto; que vê com pezar que este caso notavel de agitação e incitação de animos n'aquelles remotos climas continúa, e que espera que o governo acabe quanto antes com este estado de incerteza.

Eu não sei se o sr. ministro do reino, cuja habilidade é tão conhecida de todos, será o mais proprio para concluir essa negociação. Não sei mesmo se o governo tem procurado empregar todos os meios necessarios para a concluir. O que eu vejo é, que em quanto dura com a corte de Roma esta complicação sobre objecto tão grave, não temos n'aquella corte, ha muito tempo, enviado extraordinario; o que vejo é, que quando negocios de outra natureza forçam um ministro da corôa portugueza a sair do paiz para ir tractar de negocios nas praças de Londres e Paris, não se tem feito esforço algum conhecido e igual, regular mesmo (não fallo dos extraordinarios), para se concluirem as negociações com a corte de Roma. As negociações nada adiantam; e oxalá que ellas não estejam peiores, que ellas não tenham retrogradado! As minhas apprehensões são estas: receio que as negociações, pelo menos a conclusão d'ellas, em vez de estar mais proxima, esteja mais remota; que em vez de se aproximar o termo da conclusão, esse termo esteja mais longe ainda do que se julga.

Aqui tem v. ex.<sup>a</sup> e a camara o que, substancial e rapidamente, me moveu a dizer á camara neste meu addiamento o seguinte (*Luz*)

(*Vide pag. 20, col. 1.ª, da sessão n.º 2 de 6 de Fevereiro.*)

Não posso deixar, neste occasião, de dar um agradecimento a v. ex.<sup>a</sup> e á commissão de resposta ao discurso da corôa, porque nesta parte deu melhor redacção na resposta, inserindo idéas e principios fundamentaes, que deviam ser mantidos nesta negociação, e agradeço tanto

mais, quanto substancialmente o que a commissão acrescenta nesta parte é o mesmo que en tinha proposto no anno passado, e que esta camara então não me fez a honra de adoptar. Foi bom que viesse, ainda que tarde; muito o agradeço, e agradeço-o-hei sempre, porque o agradeço em nome do paiz.

Ha outro ponto em que me parece conveniente a confrontação da fallá do throno no anno passado, com a que se dirigiu á camara na abertura desta sessão.

Desde que se tracta da construcção do caminho de ferro de leste, como muito bem disse o meu amigo e snr. Antonio Emilio Brandão, deu-se conhecimento á camara de alguma coisa no discurso da coroa sobre os progressos desta importante obra. No discurso do throno do anno passado dizia-se que continuavam sem interrupção os trabalhos do caminho de ferro de leste. E eu tive occasião de dizer á camara, que me parecia que a phrase era molemente usada, ou escolhida, para significar o pouco adiantamento que tinham tido esses trabalhos. Tive occasião de dizer ao snr. ministro das obras publicas que se eram exactas as informações que eu tinha, havia já mais de metade do capital gasto, e menos de um terço do caminho feito. S. ex.<sup>a</sup> querendo rectificar esta minha asserção, disse-me, que os fiscaes do governo eram de opinião que as obras feitas importavam muito mais de um terço pela sua magnitude, e creio mesmo que houve um illustre deputado que disse, que importava quasi a conclusão do caminho.

O sr. José Estevão: — Apoiado.

O Orador: — Agora me recordo que foi o illustre deputado mesmo que o disse.

O sr. José Estevão: — Não disse tal.

O Orador: — Disse, e até me interrompeu para m'o dizer; é o que consta do *Diario da Camara*. Disse eu, referindo-me ás obras do caminho de ferro, que me constava que mesmo ás obras emprehendidas estavam muito mal feitas, e referia-me a informações que tinha de individuos que possuíam mais conhecimento deste objecto que eu, porque eu nunca vi uma só vez as obras do caminho de ferro de leste; dizia eu, que me constava que as obras feitas estavam muito mal feitas, e que até, a serem verdadeiras as informações que tinha ouvido a pessoas que julgava competentes na materia, grande parte dos aterros que se davam por ultimados estavam construidos de modo tal, que ficavam inferiores ás aguas do Tejo nas grandes enchentes. Disse mais; que receava que aquella companhia e aquelles empreiteiros não concluíssem o caminho dentro do tempo marcado na lei.

Todos estes meus receios eram tidos como infundados, e significavam sempre, por mais diligencias que eu fizesse para mostrar que não tinham tal significação, significavam, digo, a especie de má vontade que eu tinha tido sempre ao caminho de ferro de leste. O sr. ministro das obras publicas esforçou-se por dizer, que se tu lo isto era verdade, se as obras estavam mal feitas, os empreiteiros seriam obrigados á sua custa a refizer essas obras, a collocal-as no ponto de perfeição a que se tinham obrigado pelo respectivo contracto, e que no caso que assim o não fizessem, o contracto seria rescindido. Eu duvidei disso, perguntei, se havia nessa hypothese, verdadeira vontade de rescindir o contracto? Veio o tempo, este grande auctor de desenganos; e veio mostrar o que? Veio mostrar, que o caminho de ferro não se concluiu dentro do tempo marcado no contracto; veio mostrar que o governo não cumpriu a lei do contracto; veio mostrar ainda mais, que eram exactas as informações que eu tinha recebido, de que as obras do caminho de ferro feitas estavam muito mal feitas; e para o provar não preciso recorrer a testemunhas ou a informações que sejam suspeitas no nobre ministro das obras publicas ou a cavalheiros que

o defendam; para o provar não preciso mais que recorrer a um folheto mandado publicar pela propria companhia da empresa do caminho de ferro, que diz mais mal das obras do que nunca vi ou ouvi dizer.

(Continúa)

## GAZETILHA.

**Iluminação a Gaz.** — Contaram-nos que a ill.<sup>ma</sup> camara tem o projecto de fazer illuminar a nossa cidade a gaz. Dizem-nos mesmo que já alguns passos se tem dado a este respeito. Ora nós conhecemos até onde chega a vontade dos snrs. camaristas; com tudo parece-nos que este será talvez um dos seus projectos que não realizarão. No entanto, como não temos informações veridicas a este respeito, limitamo-nos a registrar o que assim nos disseram, para que de futuro se veja que o pensamento d'uma bella illuminação nesta cidade, a par de outros, de igual magnitude, appareceu quando os bracarenses elegeram para o seu municipio homens verdadeiramente patriotas.

**Campo das Hortas.** — Finalmente estão postas as arvores n'aquelle Campo, e por consequencia as covas tapadas. Lembramos que seria bom pôr em volta d'aquellas arvores pequeninas umas grades de pau, para que não quebrem com o vento, como aconteceu mais acima nas Carvalheiras.

**Suicidio frustrado.** — Um sobrinho do ex.<sup>mo</sup> barão da Torre, o ill.<sup>mo</sup> sr. João Araujo d'Azvedo Feio, tentou suicidar-se com arsenico no dia 24 do que hontem findou. Felizmente acudiram-lhe a tempo e salvaram-o do perigo. — Ignora-se ainda o que derá causa a tão desesperada resolução.

**Partida.** — O snr. auditor da 4.<sup>a</sup> divisão militar partiu na quarta feira para Vianna do Castello.

**Procissão.** — Ha-de ser a de Passos, que costuma fazer-se nesta cidade, no domingo 8 do corrente março. Os devotos já andam por ali em papos d'aranha: uns traetando da construcção de jardins juntos aos passos, outros ensaiando as forças para ver quem poderá melhor levar o guião. Deus os conserve nestes intertenimentos, que delles nenhum mal virá talvez á sociedade.

**Alfandega do Porto.** — Rendeu no ultimo mez de janeiro setenta contos oitenta e dous mil setecentos quarenta e nove rs. No janeiro de 55 havia rendido cento trinta e sete contos seiscentos cincoenta mil novecentos sessenta e dous reis; sendo por tanto a differença contra o do corrente anno de cincoenta e sete contos quinhentos sessenta e oito mil duzentos e treze rs.

**Engenheiros.** — Chegaram ao Porto os engenheiros que tem d'estudar o caminho de ferro entre aquella cidade e a capital.

**Queda.** — O brigadeiro Horta cahio do cavallo a baixo, no Campo do Canno, em Guimarães, quando comandava o batalhão de caçadores 7, em exercicio, na ultima segunda feira. Ficou muito mal tratado.

**O seu a seu dono** — A prohibição da venda dos cigarros podres foi ordenada, não pelos empregados de po-

licia como diz o *Bracarense* d'hontem, mas sim pelos empregados da fiscalisação do contracto.

**Melhoras.** — Já se acha quasi restabelecido, do encommo do que ultimamente soffrera, o nosso amigo o ill.<sup>mo</sup> sr. Felix Maria Gomes de Araujo Alves.

**Carne de vacca.** — Começou hoje a vender-se a 75 rs. o arratel e segundo ouvimos dizer em breves dias subirá a 80 e 90 rs.!

**Roubo de chouriços.** — N'uma das noutes passadas poderam os ratoneiros roubar com um forcado, alguns chouriços que estavam pendurados no tecto de uma loja da casa em que habita o sr. Albino Pereira de Sousa Pederneira, na rua do Forto. Os ladões introduziram o forcado por um dos postigos de uma janella da loja, que estava aberto, e assim conseguiram levar para casa uma, 6 ou 7 duzias de bellas chouriços, que de certo provarão mesmo antes da paschoa, por que é de crer que estejam munidos com a competente bulla.

**Exercicio.** — O corpo d'infanteria 8. teve ante-hontem exercicio de fogo no monte de S. Gregorio, á voz do seu commandante, o ill.<sup>mo</sup> sr. Peito de Carvalho. Um soldado feriu-se, não sabemos como, em uma das mãos; e o seu commandante, depois de o examinar pessoalmente, mandou-o ao cirurgião do corpo, e d'alli para o quartel.

**Recebedoria.** — Pedimos annunciar que no dia 3 ou 4 do corrente Março principiam a receber-se os impostos de decima do juro, industria, 4 por 100 de rendas, creados e cavalgadas, etc. etc. — cujo pagamento se fará no prazo de 30 dias.

**Antes assim.** — Segundo affirma a *Aurora do Lima* é falsa a noticia de ter dado á costa em Safim o brigue *Resolvido*.

**Procissão de Passos.** — Fez-se em Coimbra com muita solemnidade, e decencia O ex.<sup>mo</sup> bispo conde acompanhou-a com todo o ill.<sup>mo</sup> cabido. Prégou na Graça o bem conhecido orador padre Bernadino de Menezes.

**Cadeia.** — Em Coimbra vae construir-se uma nova cadeia. Já não é sem tempo, que tão precisa obra se faz.

## NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Pouco importantes são as noticias que ha do estrangeiro.

O governo inglez contrahio um emprestimo de 125 milhões de francos pagaveis até 24 de Abril.

Parece que outro emprestimo se fará mais tarde, e o *Times* suppõe que elle será de 16 milhões esterlinos.

O *Morning Post* é d'opião que os governos alliados attendam a tres cousas. Dar bem claras e precisas instrucções aos seus representantes, recomendar-lhes que sigam rigorosamente as mesmas instrucções. Provêr em grande escala aos meios de continuar a guerra, se ella for necessaria. — Que os plenipotenciarios saibam o que tem a fazer — continúa o *Morning*: que no desempenho da sua missão sejam apoiados pelos seus governos respectivos, e que os preparativos de guerra por mar e terra continuem até que seja assignado e sellado o ultimo documento. São estes os argumentos que obrigarão a Russia a não desviar-se

do ponto capital, e que furão desaparecer toda a susceptibilidade excessiva, e os solismos e chicanas a que ella quizesse recorrer. As noticias de New York são de 6. No senado continua a discussão sobre a desintelligencia com a Inglaterra. Os oradores manifestavam sentimentos pouco conciliadores. — De Hespanha anda,

O conde Orloff chegou no dia 22 a Paris, e esperava-se Ali-Pachá no mesmo dia.

## Publicação Litteraria.

### O MURMURIO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

SABER ALUZ o 5.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> deste jornal. Assigna-se e vende-se, na Rua do Anjo n.<sup>o</sup> — e no escriptorio da redacção do *Moderado*, Rua Nova de Souza n.<sup>o</sup> 25. — Preço da assignatura por anno 960 — com estampilha 1:080. Por se mestre 480 — com estampilha 540 — Por trimestre 240 — com estampilha 270 — A vulto 60 rs.

## ANNUNCIOS

Maria das Neves, e marido João Manoel da Costa Pinho, da rua das Casas Novas, d'esta cidade, declaram que as fazendas brancas e chapéus que vendem pelas feiras, pertencem ao sr. Francisco José de Macedo, da villa de Prado, o qual não só os surte d'aquellas fazendas, senão tambem de lã para o fabrico das chapéus, na forma do contracto que entre si fizeram por escriptura pública, de 2 de Dezembro de 1851 — lavrada nas notas do tabelião d'esta cidade, João Baptista Pereira da Silva. (63)

Maria Candida Mello Pereira Pinto de Azevedo Coutinho Tellés de Loureiro, viuva, desta cidade, tem pendente na comarca do juizo de Villa Verde uma acção de libello de divida contra seu irmão Miguel Maria de Mello e mulher da freguezia de Soutello, da dita comarca; por isso previne o publico, para que ninguem trate com os mesmos, sobre os bens que tem e possuem, os quaes estão sujeitos á divida constante d'aquella acção, e outros de que á dita annunciante são devedores, sob pena de qualquer transacção que aos referidos façam, ser havida e reputada como nunca se se houvera feito, e nulla.

### Confitaria de Pierre Vié.

Acha-se este aceiado estabelecimento, no Campo de Santa Anna n.<sup>o</sup> 66 aonde se encontra um variado sortimento de bom doce, entre o qual se acham as seguintes qualidades:

Biscuito da Rainha (arratel)	280 rs.
Idem fino superior	240 "
Idem ordinario	160 "
Confeitos finos	320 "
Amendoas	240 "
Chá de superior qualidade a	1100

Typ. de A. P. de S. Pederneira, Rua Nova de Souza n.<sup>o</sup> 25.